

3.16 O Atelier de Helena: de Leopoldo a Joana

Francisco Cardoso Lima* & João Mota**

Abstract. *Having as a starting point the transverse significance the artist's studio assumes in Helena Almeida's artistic practice, this paper intends to (re)think the artist's studio as an amoral meta-territory, or the artist's studio as the artist's place.*

Keywords: 'I Am Here', Helena Almeida, artist's studio, meta-territory, amoral.

Resumo. *A partir da importância transversal que o atelier assume no percurso artístico de Helena Almeida, este trabalho procura reflectir sobre o atelier enquanto meta-território amoral. O atelier como o lugar do artista.*

Palavras chave: 'Eu Estou Aqui', Helena Almeida, atelier, meta-território, amoral.



Figura 1. Helena Almeida (2005a), *Eu Estou Aqui*. Fotografia p/b, 125x145cm.

* Portugal, Departamento de Comunicação e Arte - Universidade de Aveiro (UA). Artista visual e doutorando na UA. Bolseiro Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

** Portugal, Departamento de Comunicação e Arte - Universidade de Aveiro (UA). Artista visual e professor na UA. Membro fundador da Unidade de Investigação ID+.

Introdução

Esta comunicação sedia-se num momento específico do percurso artístico de Helena Almeida. Parte do trabalho 'Eu Estou Aqui' (Figura 1) para apresentar uma reflexão sobre aquilo que parece ser um nó criativo/processual na sua obra: a relação artista/atelier.

Esta reflexão desenvolve-se quer através da análise dos três grandes momentos do percurso criativo da artista (descritos no capítulo 1. Do Objecto ao Atelier), quer através de um conjunto de obras que, elas próprias, tornam clara essa relação (apresentadas no capítulo 2. De 'Dentro de Mim' a 'Eu Estou Aqui').

A artista plástica H. Almeida é filha do escultor Leopoldo de Almeida, é mãe da artista plástica Joana Rosa e é casada com o arquitecto Artur Rosa (também seu fotógrafo). Nasceu em 1934, em Lisboa, onde actualmente vive e trabalha. Participou na exposição colectiva 'Alternativa Zero' (1977) e expôs na Fundação Calouste Gulbenkian (1983 e 1987), Fundação de Serralves (1995), Centro Galego de Arte Contemporânea (2000), MEIAC-Museu Ibero-Americano (2000), Centro Cultural de Belém (2004). Ainda, representou Portugal nas Bienais de Veneza de 1982 e 2005, comissariadas por Ernesto de Sousa e Isabel Carlos, respectivamente.

1. Lugares Estruturais — Do Objecto ao Atelier

Apresentam-se os 3 momentos do percurso criativo da artista com base na análise do capítulo 1 do estudo 'O Atelier enquanto lugar e processo de criação artística' (Cardoso Lima, 2007) que funcionou como alavanca para esta reflexão.

Esse texto constitui-se como um material de análise ultra-volumoso, e como outros materiais volumosos, também aqui a plasticidade e a variedade de manifestações no uso da língua com sentidos equivalentes reivindica para metodologia a utilização da 'condensação descritiva.' Pretende-se assim reconduzir o conjunto de formas complexas a unidades de sentido comuns simples.

Através de um vocabulário descritivo-condensador, dirigiu-se o sentido veiculado a níveis de abstracção elevados aos respectivos lugares estruturais comuns do discurso, gerando, num movimento indutivo, o seguinte esquema de inteligibilidade composto por um

conjunto de *topos* essenciais para a compreensão da obra de H. Almeida (Albarelo, 2005):

1.1 —A Desconstrução do Objecto Herdado. A importância da família enquanto metáfora de um legado cultural, enquanto vivência individual/*herança pessoal*, enquanto entidade abstracta. O grande quadro familiar herdado (e o seu empenho em desmontar um conjunto de linguagem e processos sediados na academia) marca de forma inequívoca aquilo que o estudo aponta como 1º Momento do corpo de trabalho de H. Almeida (~1967 ~1979).

1.2 —O outro e a Dualidade. A importância da dualidade dentro/fora, frente/trás, cá/lá, assenta no confronto verdadeiro/falso, numa posição dividida entre o bem e o mal.

É justamente pelo desinteresse pelo *objecto herdado* e pela inutilidade da busca moral do *outro* que se esgota o 1º Momento do corpo de trabalho de H. Almeida (~1967 ~1979).

1.3 —O Negro, uno. O abandono ou a morte do pai (entendendo este pai como metáfora do precedente) explica a entrada no negro e a transferência dos interesses de H. Almeida do *outro* para si, do objecto para o artista, num processo de dentrioridade, de intimidade, de unidade, que marca o 2º Momento no percurso de H. Almeida (~1980 ~1993).

1.4 —O zero, o neutro e a amoralidade. A importância do eu (ou do esse) sem simbologia moralizante e perto do neutro. Depois do abandono dos valores, abandonada a moral, neste momento privilegia-se o amoral como estratégia para chegar ao absoluto. O território do atelier adquire o grau zero neste 3º Momento da obra de H. Almeida (~1994 ~2006).

Ao longo destes 3 momentos, de formas diversas e a diferentes níveis, o atelier em H. Almeida é não apenas um elemento estruturante como também se afigura parte primordial na construção do seu grande quadro pictural de uma forma transversal. É essencial perceber esse meta-território para compreender a obra da artista.

2. Corpo de Obras —De ‘Dentro de Mim’ a ‘Eu Estou Aqui’

Apresenta-se um conjunto de obras (Figuras 2 a 5) que recorrem à presença física de H. Almeida no seu espaço de trabalho e que enquadram e equacionam objectivamente a relação artista/atelier.



Figuras 2 e 3. Helena Almeida (1998), Da série *Dentro de Mim*. Fotografias p/b, 95x74cm.



Figuras 4 e 5. Helena Almeida (2000), Da série *Dentro de Mim*. Fotografia p/b, 103x82,6cm e Fotografia p/b, 103x72cm.



Figuras 6, 7 e 8. Helena Almeida (2005b), Da série *INTus*. Fotografia p/b, 125x90cm, fotografia p/b, 125x90cm e fotografia p/b, 195x90cm.

Desde 1994 (e de forma particularmente grave nas últimas obras: 2003, 2004, 2005) a relação artista/atelier ganha uma dimensão fusional extraordinária. O atelier parece conquistar um papel estruturante no processo de criação e na própria obra de arte. O atelier parece ser simultaneamente o objecto artístico e o acontecimento fundamental da obra.

Particularmente na série de obras realizadas para a exposição 'TNtus,' (Figura 6,7 e 8) torna-se pungente a união entre artista e atelier. Um no outro. Deixam de ser duas entidades distintas. Passam a ser uma só entidade, não divisível: esse processo de abandono de si enquanto entidade individual para conquista de outra coisa, não comprometida com o outro nem comprometida consigo. Na esfera do absoluto, do amoral.

A sua obra parece ser o seu atelier. E expor-se totalmente expondo o atelier parece ser o objecto artístico mais transparente de H. Almeida e, simultaneamente, mais intenso e mais desconcertante, justamente pela simplicidade da sua transparência.

Conclusão

A partir da importância transversal que o atelier assume ao longo dos 3 momentos do percurso artístico de H. Almeida e a partir da introdução do atelier na própria obra da artista, este trabalho procura reflectir sobre esse objecto outro que não o atelier enquanto o lugar físico. Procura o atelier entendido como um espaço que remete para outros territórios que ultrapassam as quatro paredes da sua construção. Longe de querer encontrar uma definição para atelier, trata-se da desconstrução desse lugar comum.

'Eu Estou Aqui,' título da obra que alavancou esta reflexão, foi traduzido para inglês como 'I Am Here.' Esta tradução é particularmente feliz pela clara abertura causada na ampliação do *estar* em *ser*. 'Eu Estou Aqui' ou 'I Am Here' pode ser lido como 'Eu Sou Aqui.' este é o meu lugar. O atelier é o lugar do artista.

E em H. Almeida aquilo que nos é apresentado é já mais que a artista, é a mancha da sua presença como parte compositiva, abandonada, despida, despojada, absoluta, essencial. A artista está no

seu atelier não precisando já de estar. O que se vê é a intensidade desse corpo todo (e nenhum), artista/atelier, amoral.

E o que os une? Parece ser tão relevante o *eu* do autor como o *aqui* do lugar. Autor/lugar, artista/atelier, parecem combinar-se numa só coisa. Parece ser este o trabalho da artista: transformar o *eu aqui* numa terceira coisa, numa outra coisa. Aquilo que os une é a presença de um no outro. O atelier transforma-se num território de todas as possibilidades. O atelier é o meta-território do artista, livre para o exercício da liberdade.

Depois da dualidade moral registada no 1º momento; depois da artista enquanto unidade, unidade essencial, registada no 2º momento; será este vazio, este zero absoluto, amoral, a grande questão levantada pela artista no 3º (e até agora último) momento do seu percurso artístico? Nas palavras da própria artista: 'Quis experimentar [...] essa zona vazia. Numa espécie de penúltima expressão.' (Almeida, 1994, p. 84). Esta zona vazia parece ser, precisamente, a amoralidade resgatada para o lugar da criação, para o atelier como um meta-território, livre.

Cheguei a uma conclusão: Tenbo-me a mim, só, só a mim, e quanto menos fizer melhor. (Almeida, 2005).

-Não tenbo mais nada...

-Eu tenbo-me.

-Não tenbo mais nada e não vou fazer muito mais do que isto.

-Eu não quero fazer muito mais do que isto.

-Eu estou aqui

-Aceitem a minha intensidade

-Aceitem-me assim

-Aceitem-me. (Almeida, 2005).

H. Almeida desconstruiu o edifício moderno herdado para o reconstruir em torno da amoralidade, entregando-o agora como legado artístico, vago, aberto e amoral, a Joana Rosa, sua filha. E a todos nós.

Referências

- Albarelo, L. et al. (2005) *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* Lisboa: Gradiva. ISBN: 9789726625544.
- Almeida, Helena (1982) *Helena Almeida*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Catálogo de exposição.

- Almeida, Helena (1998) Da série *Dentro de Mim*. Reprodução de fotografia.
Disponível em *Helena Almeida - Pés no chão, cabeça no céu* (2004).
- Almeida, Helena (2000) Da série *Dentro de Mim*. Reprodução de fotografia.
Disponível em *Helena Almeida - Pés no chão, cabeça no céu* (2004).
- Almeida, Helena (2005a) *Eu Estou Aqui*. Reprodução de fotografia.
Disponível em *inTUS Helena Almeida* (2005).
- Almeida, Helena (2005b) Da série *INtus*. Reprodução de fotografia.
Disponível em *inTUS Helena Almeida* (2005).
- Carlos, Isabel (2005) *Helena Almeida Dias quasi tranquilos* Lisboa: Editorial Caminho. ISBN:9896121176.